

além-mar, ao retornar à casa. Ela comentou que o Sr. King ficava particularmente à vontade quando se reunia com a médium Helen Hughes, porque “ela oferecia, para ele, um canal de comunicação que era o menos afetado pela interferência psicológica que, muitas vezes, está associada com a mediunidade subjetiva”. Isto reflete a opinião de que um médium age como um instrumento de comunicação, mas que sua própria personalidade, ou o relacionamento com a pessoa que está presente, pode distorcer o contato, de vários modos. De acordo com a Srta. Phillimore, King sentia-se mais perto de sua mãe quando conversava com ela através da mediunidade da Sra. Hughes; ele mencionou, especificamente, “a alta qualidade de suas sessões com ela”.

A Sra. Hughes disse a Blair Fraser: “Era como se ele tivesse sua mãe vivendo aqui, na Inglaterra. O que qualquer filho faria, se chegasse aqui, a negócios? Ele visitaria a mãe; ele haveria de querer vê-la e conversar com ela. O Sr. King não desejava conselhos sobre negócios públicos porque sabia muito mais sobre eles do que sua mãe. Ele queria conversar sobre assuntos de família.” Ele era um homem solitário. A importância de sua posição e o fato de que nunca se casou aumentaram sua solidão. Suas comunicações com espíritos eram, principalmente, com sua mãe, seu irmão MacDougall e sua irmã Isabel.

Mackenzie King ficou conhecendo as comunicações com os espíritos por intermédio da marquesa de Aberdeen. Sua primeira sessão, é provável, foi com a Sra. Etta Wriedt, de Detroit, uma médium que fez várias visitas à Grã-Bretanha a partir de 1911. O primeiro encontro entre ela e King foi na década de 20. Ela era uma médium de voz direta — os espíritos pareciam usar suas cordas vocais — que tinha muitas pessoas da vida pública entre aquelas que vinham às suas reuniões. Não pode haver dúvida de que a morte da mãe, enquanto ele estava em campanha eleitoral, no ano de 1917, deixou o Primeiro-Ministro com um sentimento de que falhara com ela num momento crucial e, por certo, estes “encontros” com a mãe ajudavam a neutralizar sua sensação de culpa.

Aquele homem solitário também fora profundamente afeiçoado a um outro “membro da família”, seu terrier irlandês, Pat. Antes da morte do animal, Mackenzie King teve uma experiência precognitiva. Quando seu relógio de pulso caiu da mesinha de cabeceira, ele concluiu que isto era um presságio

e falou a amigos, “Eu não sou psíquico, mas naquela hora eu soube, como se uma voz estivesse falando para mim, que Pat morreria antes que se escoassem outras vinte e quatro horas”. Como ele mesmo lembrou, naquela noite Pat saiu de sua cesta num último esforço, subiu para a cama do seu dono e morreu. A Sra. Hughes, cuja mediunidade consistia em dar impressões de entidades espirituais e citar seus comentários em sua própria voz, pouco depois da morte de Pat disse a King que o espírito de sua irmã estava presente e que um “lindo cão”, que morrera havia pouco tempo, estava ao lado dela.

Helen Hughes contou a Fraser que quando King foi vê-la pela primeira vez, no princípio da década de 30, ela não sabia quem ele era: “Tudo o que eu sabia era que um cavalheiro viria ver-me para uma sessão, às dez e trinta da manhã. Ele apenas entrou e sentou, sem dizer palavra. Uma das vezes que eu ouvi foi a de um homem que disse ser seu irmão. O Sr. King quis que eu dissesse alguma coisa sobre ele e foi-me transmitido que ele havia sido médico. Depois de algum tempo eu consegui captar o nome, Mac. Ele falou muitas coisas sobre a família. ‘Você se lembra, Willie, quando nós éramos crianças, você se lembra de fulano?’ Depois que tudo terminou, o Sr. King disse: ‘Eu sei que era meu irmão. Ele falou de coisas que ninguém mais sabia, ninguém além de nós dois’.”

A Srta. Phillimore é inflexível ao afirmar que King nunca consultou espíritos para aconselhar-se sobre negócios de Estado. Ela o considera um investigador: “Ele aceitou a hipótese espírita e teve a coragem de dizê-lo, mas nunca deixou de ser crítico ao avaliar as evidências.” Esta opinião combina com a do falecido Nandor Fodor, o psicanalista e pesquisador psíquico que declarou que King, “em consequência de anos de investigação pessoal, acabou por aceitar a sobrevivência do homem após a morte como um fato demonstrável, mas nunca deixou de ser crítico ao analisar as evidências”. Em seu livro *Between Two Worlds* [Entre Dois Mundos] (Nova Iorque, 1965), Fodor acentua que King não agiu movido “pela fé espiritualista e sua convicção não o tornou um espiritualista ardente ou um propagandista da ‘causa’ psíquica”.

Mackenzie King, primeiro que tudo, estava ocupado com assuntos muito mais prementes. Ele visitou médiuns assim como poderíamos escapar das exigências de um programa muito opressivo, para passar algumas horas com velhos amigos, dis-